

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TELEVISÃO E CONVERGÊNCIA DIGITAL

IASMINE LOPES

A INTERNET NA TELEVISÃO:
como a era digital influenciou a linguagem no jornalismo audiovisual

SÃO LEOPOLDO
2016

IASMINE LOPES

A INTERNET NA TELEVISÃO:

como a era digital influenciou a linguagem no jornalismo audiovisual

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista pelo Curso de Especialização em Televisão e Convergência Digital da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador(a): Prof(a). Dr. Andres Kalikoske

São Leopoldo

2016

RESUMO

O grande fluxo de novas informações e a concorrência midiática afetaram o telejornalismo brasileiro. A partir de 2015, o Jornal Nacional, primeiro telejornal transmitido para todo o país, sofreu uma série de transformações, marcadas pela mudança de cenário. O presente trabalho pretende verificar como a era digital influenciou o Jornal Nacional nas mudanças recentes do programa. A partir de conceitos discutidos por Ramonet (2013), Wolf (2015), Jenkins (2009), França (2009). O objeto desta pesquisa será estudado por meio da análise de imagem em movimento, a partir do método apresentado por Rose (2011). Por meio dessa metodologia, pretende-se analisar a maneira com o Jornal Nacional utiliza a linguagem e a narrativa, influenciado pela era digital.

Palavras-chave: Televisão. Era digital. Jornalismo audiovisual. Jornal Nacional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ERA DIGITAL

2.2 CONVERGÊNCIA DIGITAL

2.3 TELEVISÃO

2.4 JORNALISMO AUDIOVISUAL E O JORNAL NACIONAL

3 METODOLOGIA

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5 DISCUSSÃO

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

A internet faz parte da vida dos brasileiros há mais de 20 anos, e a dúvida em relações ao futuro das outras mídias ainda permeia o nosso imaginário. Durante esses anos essa nova mídia trouxe transformações tecnológicas e comportamentais tanto por parte dos consumidores, quanto para os profissionais de mídia. A era digital também trouxe transformações profundas em toda a cadeia de valor do audiovisual (produção, distribuição e consumo).

Novas possibilidades em relação à produção de conteúdo foram abertas como a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa e a inteligência coletiva, temática abordada por Jenkins (2009). Para o autor convergência é o fluxo de conteúdo que através de múltiplas plataformas de mídia, conceito que abrange transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais. Tudo isso também afetou, por exemplo, a economia dos meios de comunicação e implicou novos movimentos de ordem jurídica que envolvem direitos autorais. Porém, ao mesmo tempo em que o digital eleva a possibilidade de oferecer uma gama de produtos diferenciados ao consumidor, os enfrentam o desafio de remodelar indústrias tradicionalmente consolidadas. Dessa forma, Ramonet (2013) acredita que desafio dessa nova era é prender a atenção do leitor/espectador/ouvinte/produtor.

Esses desafios e a influência nas novas possibilidades de produção de conteúdo também afetaram o jeito analógico de fazer televisão, e de fazer telejornalismo. Novos formatos foram incorporados e, assim, as formas contar as notícias tiveram modificações. Para Wolff (2015) “A mídia digital se tornou um material para períodos curtos de atenção e energia incansável, enquanto a televisão transformou a narrativa em uma escala envolvente” (WOLFF, 2015, p.179).

O grande fluxo de novas informações e a concorrência midiática afetaram o telejornalismo brasileiro. A partir de 2015 o Jornal Nacional, primeiro telejornal transmitido para todo o país, sofreu uma série de transformações, marcadas pela mudança de cenário, em comemoração aos anos 50 da Globo.

O presente trabalho pretende verificar como a era digital influenciou o Jornal Nacional nas transformações recentes do programa, analisando a linguagem, os formatos e o conteúdo do programa.

O método de documentação, a partir de técnicas de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, será um dos empregados neste artigo, a partir da técnica, Stumpf (2009). O objeto desta pesquisa será estudado por meio da análise de imagem e movimento proposto por Rose (2011). Por meio dessa metodologia, pretende-se analisar a maneira com o Jornal Nacional utiliza os formatos, a estética e o conteúdo do Jornal Nacional influenciados pela era digital e verificar quais os recursos visuais que o programa usa nas abordagens de suas reportagens. Para isso, esse artigo pretende analisar três reportagens exibidas a partir de abril de 2015, quando houve a mudança do telejornal. Foram escolhidas matérias da editoria de economia, por se tratar de um tema sisudo, e conhecido por abordar temáticas com seriedade e complexidade. As reportagens foram selecionadas de forma que abrangesse três períodos dessa alteração no programa, a primeira de maio de 2015, um mês depois da estreia do novo formato, a segunda de dezembro de 2015, pouco mais de seis meses depois, e a terceira de agosto de 2016, com o modelo do telejornal já consolidado. Dessa forma, o presente estudo pretende verificar o que mudou no Jornal Nacional na forma e no conteúdo das reportagens de economia a partir da era digital, analisar quais são os recursos e as linguagens utilizadas e entender como o programa aborda temas através de sua narrativa visual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Era Digital

Para discutirmos as mudanças no telejornalismo na era Digital, precisamos entender o que é essa nova era. Ser digital é estar traduzido em uma representação Binária (de 0 a 1), segundo Cannito (2010), hoje todas as mídias têm uma versão digital. Na comunicação este processo foi aprimorado e desenvolvido em três etapas diferentes, para Ramonet (2013). Na primeira, foram disponibilizados na internet

apenas o conteúdo da versão impressa, na segunda, características próprias do meio digital começam a ser exploradas e na última, são oferecidos conteúdos exclusivos digitais.

A partir desse cenário, produtos culturais passam a ser enriquecidos com novos conteúdos, como, levantado por Igarza (2008) os DVDs incorporam conteúdos extras; a televisão passa se atualizar na internet, assim como as notícias do rádio e a imprensa ganham sonoridade nas web rádios. Um cenário de mudanças e influencia todas as mídias:

Vivemos um período de profunda transformação social e política, e a tecnologia digital é a maior revolução que já ocorreu na história das mídias. O digital é mais que uma mídia: é uma tecnologia - e, principalmente, uma cultura- que contamina todas as outras mídias. A internet é uma mídia especificamente digital, muitas vezes confundida com o digital em si. Mas o digital é maior que a internet e está transformando também o cinema, o rádio, a televisão e o telefone. (CANNITO, 2010, p.15)

Dentro do campo audiovisual, Cannito (2010) define o digital como um conjunto de técnicas, que envolvem a captação, finalização, distribuição, recepção e reprodução de imagens, sons em diversos suportes, para o autor, “cada uma dessas técnicas específicas, facilita determinados procedimentos de linguagem e ajuda a criar novos objetos estéticos” (Cannito, 2010, p. 73).

A digitalização envolve também o sinal de transmissão e exibição da televisão, para Capanema (2008) essa fase também é caracterizada pelo avanço das tecnologias de dispositivos móveis, da conexão em rede e da hibridização dos meios:

Assim é que, além da imagem captada e transformada de forma digital, a televisão possui agora a possibilidade de ser transmitida para outros dispositivos que não o aparelho de TV convencional. Assim, presente no ciberespaço, a televisão digitalizada e em rede traz à superfície de nossa cultura outras contradições, revela novas linguagens, novos regimes de interface e recepção, e resgata questões ontológicas como a especificidade dos meios. (CAPANEMA, 2008, p 198)

Neste contexto, o conceito de mídia digital abrange o conjunto de etapas de produção distribuição e consumo de produtos audiovisuais, de acordo com Cannito (2010). Outro aspecto levantado pelo autor são as tecnologias das telecomunicações, que evoluem rapidamente e, nesse compasso, as novas técnicas possibilitam mais retornos de usuários, criando diferentes possibilidades interativas, “a tecnologia de computação e das telecomunicações juntas, dão origem às redes entre computadores, item imprescindíveis no mundo digital” (Cannito, 2010, p. 74).

Uma das características da internet, de acordo com Ramonet (2013), é a possibilidade de comunicação por meio de tecnologias simples e baratas. A rede permite a produção de um jornalismo novo, que concorre com o tradicional “cada cidadão tem acesso à informação, sem depender dos grandes meios de comunicação” (RAMONET, 2013, p.85-86). Assim, também possibilitando que os cidadãos deixem de ser apenas receptores de informação, todos podem produzir informação no mundo desenvolvido, dessa forma, Ramonet (2013) acredita que “o monopólio da informação, que os meios de comunicação dominante exercem em nossas sociedades vai chegando ao fim” (RAMONET, 2013, p.85-86).

Dessa forma, com a digitalização do sinal de transmissão da televisão e de suas plataformas, Capanema (2008) acredita que, também a partir da digitalização da imagem vieram à tona novas questões epidemiológicas, despertando inquietações que vão ao encontro de questões específicas dos meios:

Assim, ao perpassar por várias plataformas, a televisão potencializa seu poder de hibridização, absorve, de forma mais intensa, linguagens e propriedades de outros meios, além de também contaminá-los. (CAPANEMA, 2008, p.194)

As novas formas de produção, distribuição e de consumo audiovisuais possibilitaram mais um aspecto significativos da evolução digital: o rápido desenvolvimento multimídia. Segundo Santaella (2007), as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito, o audiovisual, as telecomunicações e a informática foram difundidas e esse processo é referido como “convergência de mídias”.

Convergência Digital

Convergência, conforme Jenkins (2009) é o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, esse conceito define transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, esse fenômeno não ocorre por meio de aparelhos, ocorre dentro dos consumidores.

A tecnologia foi o alicerce para discussão convergência, Puhl (2013) acredita que envolve o uso de diversas funcionalidades através de um único suporte ou dispositivo. Quando se fala especificamente na relação entre televisão e web, a

autora acredita que aumenta as aproximações a partir das possibilidades de publicação de vídeos online.

No requisito constituição técnica, as novas mídias se misturam, segunda Capanema (2008), por serem todas da mesma natureza, a digital, o que possibilita, em maior intensidade o caráter multimídia, defendido pela autora. Dessa forma, o processo de convergência pode ser compreendido, de acordo com Finger (2013) com a utilização das três telas: televisão, computador, smarthphones.

Entretanto a convergência de mídias abrange além da tecnologia, “a convergência altera a relação entre tecnologia existente, indústrias, mercados, gêneros e públicos” (JENKINS, 2009, p.43). As novas relações entre audiência e mídia, segundo Finger (2013) foram potencializadas pela web, o que faz com que se exija uma tentativa de quebrar as barreiras entre produção e recepção, dessa forma a lógica de operação da indústria midiática é modificada, assim como a lógica pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. “O que significa dizer que já houve uma alteração nos conteúdos dos telejornais, com novos modos de atuação, tanto profissionais como da audiência” (FINGER, 2013, p. 116)

A convergência gera mudanças no público e nos produtores de conteúdo, para Jenkins (2009) essa transformação exige que as empresas de mídia repensem antigas suposições, afetam decisões, tanto na programação quanto no marketing, o que modifica o significado de consumir mídia. Esses paradigmas levantam questionamentos em relação ao futuro dos meios, principalmente em relação a televisão. Para o autor as alterações no cenário são inevitáveis e necessárias, mas não são uma sentença de morte das mídias, pelo contrário:

O conteúdo do meio pode mudar (como ocorreu quando a televisão substituiu o rádio como meio de contar histórias, deixando o rádio livre para tornar a principal vitrine do rock and roll), seu público pode mudar (como ocorre quando as histórias em quadrinho saem de voga, nos anos 1950, para entrar em um nicho, hoje) e seu status social pode subir ou cair (como ocorre quando o teatro se desloca de um formato popular para um formato de elite) mas uma vez que o meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana especial ele continua a funcionar dentro de um sistema maior de opções de comunicação. (JENKINS, 2009, p 41)

A convergência desconstrói a ideia de que novas mídias substituiriam as antigas, segundo Jenkins, esse era o paradigma da evolução digital, entretanto, “o paradigma da convergência presume que novas mídias e antigas mídias irão interagir de forma cada vez mais complexas” (JENKINS, 2009, p.33)

Televisão

A televisão digital se expressa como uma plataforma tecnológica eficaz em realizar convergência entre serviços de comunicação, dessa forma, as fronteiras entre as indústrias culturais se aproximam, segundo Bolãnos e Brittos (2007). Historicamente, a TV tem uma maneira própria de transmitir informação. Isso se dá por possuir características próprias como meio de divulgação, como som e imagem, “a linguagem, o tempo e ritmo são peculiares, se comparados com outros meios de comunicação” (CURADO, 2002, p. 20). Esse veículo tem capacidade de atrair o público, como ressalta Souza (2004):

A televisão ocupa um papel excepcional, pela possibilidade que tem de cercar e capturar a consciência do público por todos os lados, aproximando-se daquela meta que Adorno define como “a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o sonho sem sonho. (SOUZA, 2004, p. 23)

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2014, realizada pela secretária de comunicação Social da Presidência da República, mesmo com o avanço da internet, a televisão continua predominando os lares brasileiros, 97% dos entrevistados afirmaram ver TV “um hábito que praticamente une todos os brasileiros, com independência de gênero, idade, renda, nível educacional ou localização geográfica” (BRASIL, 2014, p. 7).

Em um contexto de outras mídias, a internet e o rádio também são presentes no cotidiano dos brasileiros, porém, com menos expressividade: 61% das pessoas costumam ouvir rádio e 47% acessam também a internet diariamente. A leitura de revistas e jornais é menos frequente, representam: 15% e 25% respectivamente. O meio de comunicação preferido dos brasileiros é a TV (76,4%), seguido pela internet (13,1%), pelo rádio (7,9%).

Souza (2004) afirma que não é só no Brasil que a televisão tem essa importância. O país que mais produz e comercializa programas no mundo é os Estados Unidos. O mercado de televisão está em constante evolução, de acordo com o autor. Para atender esse mercado, a televisão brasileira procura acompanhar o exemplo das grandes redes internacionais.

Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010) acreditam que a televisão faz parte da vida nacional. Os autores argumentam que ela está presente na estrutura política, da economia e da cultura brasileira:

No nosso entender, não é possível uma história que não seja elaborada para mostrar como os processos televisivos e sociais de se constituem específica e mutuamente a ponto de não existir, senão de modo simplificada e convencionalmente, televisão e sociedade como dois campos distintos. A televisão na sociedade e a sociedade na televisão não existem como meros reflexos de um no outro, mas como balizas dinâmicas, intercambiáveis, negociáveis e em disputas. É a dialética que não se pode perder (RIBEIRO, SACRAMENTO E ROXO, 2010, p. 8).

Os autores argumentam que uma casa de quarto e sala de um pequeno município do interior do país e um apartamento moderno, recheado de tecnologia têm em comum o aparelho de televisão. São muito poucas as casas que não têm ao menos um aparelho, para Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010), até onde a eletricidade não chegou, por vezes, a televisão está lá, funcionando a óleo. Os autores defendem que a televisão é o principal meio de entretenimento e informação de grande parte da população do país, quando não é o único. Eles acreditam que atualmente ela é onipresente, suas imagens pontuam e mobilizam a vida e as ações das pessoas.

Essa relação do brasileiro com a televisão é uma paixão antiga, de acordo com Finger (2013). No início da mídia no Brasil foi conhecida pelos chamados televisinhos, amigos se reuniam na casa de quem possuía o aparelho para assistir aos programas de televisão. Hoje a TV ocupa outras funções sociais assim como outros cômodos da casa, segundo a autora a televisão na sala ganhou um lugar especial, mais tecnológico, com home theater, tela plana, subwoofer e surround, e continuou sendo um lugar de reunião entre amigos, porém apenas em ocasiões especiais, assim, o aparelho invadiu vários cômodos da casa e foi em busca do telespectador mais específico, Finger (2013) acredita que dessa forma, a televisão também passou a atender demandas de conteúdos diferenciadas.

Televisão sempre frustrante e decepcionante...Por isso continuamos a servir dela sem estarmos satisfeito e sem querer verdadeiramente conhecê-la, pois ela continua a ser a companheira das nossas solidões, testemunha de nossa vida cotidiana, memória do tempo imóvel. (Wolton, 1996, p.11)

O sucesso popular da televisão foi sempre visível desde o seu início, entretanto, Cannito (2010) acredita que esse sucesso acaba incomodando muita gente e, por isso “ela se tornou a mídia mais criticada da história” (CANNITO, 2010,

p.31). Perante essa mudança tecnologia e o surgimento de novas possibilidades com a internet, é comum ouvir teorias do fim da televisão, França (2009) chama os teóricos que defendem essa posição de alarmistas e rebate que novos meios não vêm para substituir os anteriores, em outros momentos da história essas teorias apocalípticas já surgiram. Para a autora, esses momentos provocam modificações e adaptações, o ambiente midiático de uma sociedade está em constante reconfiguração. A televisão também tem uma grande vantagem nesse novo cenário da comunicação:

Diferentes mídias se alimentam e se estimulam reciprocamente; a TV tem sabido conviver bem com a internet, se apropriar de seus recursos e estabelecer com ela uma relação não de concorrência, mas de extensão (FRANÇA, 2009, p. 28)

A televisão tem o poder de adaptação, e junto com o crescimento das novas mídias ela pode se destacar e como mídia âncora na era da convergência, e é por isso que Finger (2013) acredita que a TV está longe do seu fim, ao contrário do que chegou a ser anunciado:

Ultrapassada essa ideia de que a televisão está prestes a acabar e que algo novo deve surgir em seu lugar, ou que uma mídia (jornal, rádio, TV, internet) vai vencer outra na concorrência por um mesmo público, é hora de pensar em retroalimentação e confluência. (FINGER, 2013, p.114)

A experiência de assistir à televisão tem características próprias, para Cannito (2010), e são esses aspectos que mantêm a mídia existindo nesse ambiente de convergência e que “os novos sucessos serão programas que dialoguem com - e potencializem - os hábitos tradicionais do público” (CANNITO, 2010, p.16). O autor acredita que não só a televisão, mas todas as mídias permanecem, interagem e se complementam. Nesse cenário digital, a televisão poderá efetivar ainda mais suas particularidades. Miller (2009) reforça esse pensamento, ele defende que a internet seria mais um jeito de enviar e receber televisão, dessa forma ela se tornaria mais popular, não menos, a mídia está passando por um processo de transformação.

A televisão está em constante mudança e isso não é novidade, desde o seu início, se modifica acompanhando as evoluções tecnológicas e sociais, e segundo França (2009) também se altera de acordo com a dinâmica cultural de casa sociedade:

Fazendo parte do tecido social, e como uma de suas instâncias, a TV acompanha seus movimentos e tendências, é instrumento de veiculação de suas normas e valores, mecanismos de reprodução e manutenção da ordem

dominante. Instância ativa, lugar de expressão e circulação de vozes, do cruzamento de representações e constituição de novas imagens, a televisão é também um vetor de dinamismo e modificação do seu entorno. (FRANÇA, 2009, p.30)

A discussão sobre a televisão vai além das novas tecnologias e possibilidades da era digital, já sabemos que a televisão não vai morrer, que está em um período de adaptação, e de aprendizagem de como usar esse novo cenário a seu favor. Mas o público não se preocupa apenas com a tecnologia, Cannito (2010) defende que o público de televisão quer consumir conteúdos televisivos agradáveis e diversificados, que a preocupação é com a melhora dos conteúdos e com a facilidade de acessá-los. Então, quem manda na televisão é o conteúdo. E junto com o conteúdo a linguagem televisiva nessa nova era também é um desafio e para isso, Wolf (2015) afirma que a televisão se transformou em uma narrativa envolvente, em uma escala épica e moral, já a mídia digital possui materiais para períodos curtos de atenção e energia incansável.

A televisão é uma mídia que permite - e promove - a recepção coletiva, enquanto o computador é de uso pessoal. Para dar “todo poder ao usuário”, a internet é - e sempre será - superior à televisão:

Mas a televisão também tem seus segredos e qualidades. Acredito em sua importância como mídia apta à expressão artística, assim como mídia fundamental para catalisar a comunicação entre as pessoas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática. (CANNITO, 2010, p 28)

As transformações sofridas pela comunicação nos últimos anos provocam alguns efeitos na televisão, França (2009) destaca inovações tecnológicas e de linguagem, a disputa entre emissoras, o surgimento de um núcleo de produção inovador. A autora acredita que um dos traços da sociedade contemporânea é a busca pelo entretenimento e pelo prazer e, dessa forma, o traço da diversão, do lúdico, do descontraído “ultrapassa os gêneros marcantes inscritos na categoria entretenimento (telenovelas, programas humorísticos, de auditório, infantis, etc.) e penetra no antes sisudo campo da informação” (FRANÇA , 2009, p. 34).

Jornalismo Audiovisual e o Jornal Nacional

O jornalismo caminha junto à televisão desde a sua criação, e assim como a mídia, sofreu diversas modificações, seja tecnologias ou de aspectos técnicos, políticos, sociais, econômicos e de produção. Como reflexo dessas mudanças, Siqueira (2012) acredita que estão os formatos utilizados para a divulgação da notícia.

No surgimento da televisão no Brasil, na década de 1950, os telejornais tinham como característica a herança da técnica e da produção do rádio, de acordo com Souza (2004), assim, “os programas jornalísticos eram mais falados do que visuais do ponto de vista da diversidade de imagens” (SIQUEIRA, 2012, 170).

A chegada do Videotape, a partir da década de 1960, permitiu uma evolução tecnológica e na forma que as notícias eram apresentadas na TV. Siqueira (2012) afirma que foi nessa época que a televisão começou a se tornar um veículo popular. A década de 1970 trouxe ainda mais mudanças para o telejornalismo brasileiro, como a transmissão via satélite, TV em cores, e a implantação da rede nacional de micro-ondas, para Tourinho (2009), foi essa última que permitiu a transmissão de programas para todo o Brasil. Nesse contexto, foi ao ar o primeiro noticiário Brasileiro em rede, o Jornal Nacional estreou em primeiro de setembro de 1969.

A década de 1980 e 1990 é marcada, de acordo com Siqueira (2012), pelo comportamento dos cidadãos com a televisão, e a partir dessa realidade, o fenômeno do zapping “obrigou os profissionais da área a criar estratégias para a apresentação das informações jornalísticas, que interferiram e ainda interferem nos formatos, no tempo de duração das notícias, na estrutura dos telejornais (SIQUEIRA, 2012, p. 172).

Foi na década de 1990 que começaram os primeiros passos para a digitalização das emissoras, segundo a autora, mas apenas na década de 2000 que se consolidou o uso desse novo sistema “as mudanças ocorreram tanto no registro das imagens quanto na edição, que deixou a ser linear e passou a ser não linear” (SIQUEIRA, 2012, p. 173) o que, para a autora, facilitou a criação de novos formatos para as notícias nos telejornais. Nesse período surge um novo conceito, a hipertelevisão. Essa fase identificada por Gordillo (2009) e ressaltada por Siqueira

(2012), presume três modelos, que se complementam: “a televisão generalista; a multitemática (de diferentes plataformas) e a que é convergente com a telefonia móvel” (SIQUEIRA, 2012, p. 173).

Ao mesmo tempo em que ocorreram essas transformações na televisão brasileira, o Jornal Nacional também se modificou, de acordo com as demandas de cada época. De acordo com o Memórias Globo, o conceito de noticiário que deveria interessar todo o país foi criado pela Globo com o telejornal “os assuntos tinham de atrair a atenção de todos os telespectadores, de Manaus a Porto Alegre.” Mesmo já existindo o Videotape, o Jornal Nacional começou fazendo suas reportagens com filme 16mm preto e branco, depois passou para o filme em cores, depois o VT e em 2013, o telejornal passou a ser inteiramente produzido, editado e exibido em alta definição, segundo o Memórias Globo.

Junto com as mudanças tecnológicas, o Jornal Nacional sofreu alterações na apresentação, nas reportagens, no cenário, no formato do telejornal. Em 27 de abril de 2015, em comemoração dos 50 anos da Globo, O JN entrou no ar com novo cenário, de acordo com o Memórias Globo:

Renata Vasconcellos e William Bonner começaram a apresentar o telejornal em uma nova bancada, mais moderna. O espaço, mais amplo e claro, garante mobilidade e permite que os jornalistas circulem livremente pelo estúdio, transmitindo notícias na bancada e também de pé, em diversos ângulos. As conversas em tempo real com correspondentes e equipes de reportagem, feitas pelo telão, estão mais livres e interativas.

Pela primeira vez, um apresentador levantou da bancada do telejornal, o telão possibilitou conversas com os repórteres, e ocorreram alterações estéticas como nos enquadramentos e na nova identidade visual do programa, Gadret (2016) destaca que essas mudanças geraram uma informalidade maior na ancoragem, o que provocou muitos comentários nas redes sociais:

O fato é que, nos últimos anos, o Jornal Nacional acompanha um movimento de transformação nas práticas jornalísticas provocado em grande medida pelas novas configurações dos sistemas de mídia e pelos novos hábitos dos telespectadores em relação à televisão. Novos contextos de produção e circulação de conteúdos, desde os anos 90, têm provocado uma queda de audiência nos canais abertos, inclusive da Rede Globo e do seu principal telejornal. As Transformações nos formatos dos programas aliadas à inserção de conteúdos nos portais das Organizações Globo e em aplicativos para dispositivos móveis buscam recuperar a audiência (agora, compreendidos como usuários) e reverter a diminuição de aporte financeiro na TV. (GADRET , 2016, p.103 e 104)

A modificação do cenário trouxe mudanças no dinamismo do telejornal, o presente trabalho pretende analisar como a era digital influenciou no Jornal Nacional a partir das transformações de abril de 2015.

3 METODOLOGIA

Para desenvolver o trabalho proposto será utilizado um conjunto de métodos e técnicas que darão suporte a realização da pesquisa. A partir do que já foi apresentado, verifica-se o uso da pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica será utilizada para melhor compreensão das questões que serão estudadas. Sobre a técnica, Stumpf (2009, p.51) destaca:

É o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado onde é apresentada toda bibliografia que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões.

Objeto desta pesquisa será estudado por meio da análise de imagem em movimento, a partir do método apresentado por Rose (2011), que irá colaborar para o objeto de estudo. Para a autora, o processo de análise de materiais audiovisuais envolve transladar. Ela defende que a translação, normalmente toma forma de simplificação, enfatizando que a escolha de cada translado é muito importante, principalmente dentro de um campo múltiplo, que é o caso dessa análise. Rose (2011) argumenta que nunca haverá uma análise que capte uma verdade única do texto. Em materiais televisivos, as transcrições transbordam o verbal, por isso é preciso tomar decisões de como transcrever o visual, especialmente sobre a inclusão de pausas e hesitações na fala e como descrever os efeitos especiais, como música ou mudanças na iluminação. A televisão como um meio audiovisual, exige a descrição do visual, bem como a dimensão verbal, segundo a autora. Ela defende que os dois modos, o visual e o verbal, irão contar a mesma história, pois é uma convenção da televisão. Entretanto, Rose (2011) alerta para os detalhes, pois argumenta que é impossível descrever tudo o que está na tela, que as decisões sobre transcrição devem ser orientadas pela teoria. De acordo com a autora, a primeira etapa da pesquisa é a escolha de uma amostra, posterior a isso, os

programas serão selecionados, dependendo do tópico da área a ser pesquisada e da orientação teórica.

A partir do apresentado por Rose (2011) se estabeleceu os seguintes passos para análise de textos audiovisuais propostas nesse trabalho.

1. Escolher um referencial teórico e aplicá-lo no objeto empírico.
2. Selecionar um referencial de amostragem – com base no tempo ou no conteúdo
3. Selecionar um meio de identificar o objeto empírico no referencial teórico
4. Construir regras para a transcrição do conjunto das informações – visuais e verbais
5. Selecionar citações ilustrativas que completem a análise.

De acordo com os conteúdos exibidos no Jornal Nacional, a partir de 27 de abril de 2015, quando houve a mudança do telejornal. Escolheram-se como amostragem três reportagens da editoria de economia, por se tratar de um tema sisudo, e conhecido por abordar temáticas com seriedade e complexidade. As reportagens foram selecionadas de forma que abrangesse três períodos dessa alteração no programa, a primeira de maio de 2015, um mês depois da estreia do novo formato, a segunda de dezembro de 2015, pouco mais de seis meses depois, e a terceira de agosto de 2016, com o modelo do telejornal já consolidado. A análise será buscando observar a linguagem utilizada, como a construção da narrativa e os elementos gráficos e visuais.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Reportagem: Pelo quinto ano seguido Brasil perde posições na lista das economias mais competitivas do mundo.

Data: 28/05/2015

Tempo: 2:55

| Dimensão Verbal: | Dimensão audiovisual: |
|--|---|
| Repórter em off: Responde aí, pra você competitividade é tipo jogar em um time que tem uma baita chance de ganhar um campeonato? É tá em um grupo de elite durante toda uma maratona? É tá na pista | A matéria começa com imagens de arquivo de um jogo da seleção de vôlei brasileiro feminino no <i>Macth point</i> . O Brasil conquista a vitória e o time comemora. Na sequencia imagens de outros esportes como corrida e |

Pilotando um carro que parece um avião de tão rápido

Repórter em passagem: Então, mas pros economistas competitividade é a capacidade que uma empresa tem de competir com outra, que pode ser de fora, de igual para igual, os economistas chamam isso de ambiente de negócio, ou seja, quanto mais fácil for para uma empresa funcionar no país, mais competitivo ele é. Mas são muitos os ingredientes que fazem essa receita dar certo ou não. Uma alternativa é, sei lá, pensar em uma receita de bolo, sendo assim, a receita brasileira já peca no começo, nos primeiros ingredientes.

Entrevistado Carlos Arruda (professor de inovação e competitividade da Fundação Dom Cabral): O sistema é desfavorável, a carga tributária é alta, é difícil achar mão de obra na qualificação que a empresa está precisando, então o problema não é entrar o problema é operar, e isso vale para empresas estrangeiras e empresas nacionais.

Repórter em off: E trazendo isso para o mundo culinário, quer dizer que...

Entrevistado Carlos Arruda: Nossa farinha tá velha, ela tá baseada na forma de moer antiga, que não é uma farinha compatível com a qualidade do bolo que eu tô querendo fazer.

Repórter em off: Palavras de quem participou de uma pesquisa mundial, analisou a fundo os nossos indicadores de economia, governo e infra-estrutura. E nesse jogo da gente com o resto do mundo, o bolo brasileiro não segue a receita correta. O certo seria misturar a tal farinha e os outros ingredientes na batedeira, mas é como se a gente batesse na mão por causa da nossa infra-estrutura ruim. E tem outra, nossos juros são muito além da conta, o que também anda acontecendo com a nossa inflação. Mas também tem boa notícia. O investimento internacional veio maior que o esperado, e a taxa de desemprego ainda tá melhor que a média mundial.

Entrevistado Carlos Arruda: O Brasil ainda tá na quinta posição entre países que mais atraem investimentos estrangeiros entre os 61 colocados, é interessante entrar no Brasil. O Brasil tem mercado, tem potencial e tem perspectiva de futuro, o presente do Brasil que é difícil.

Repórter em off: E o fundamental para a nossa receita foi frustrante no ano passado, invés de colher cheia de fermento pra o crescimento da economia, a gente só pôs uma pitadinha de nada. Ah, e tem um

formula 1. Na passagem, o repórter posiciona as mãos com as palmas para cima e entra em arte sobre as mãos dele de forma orográfica, ícones representado empresas do Brasil e dos estados unidos, que acompanham o movimento das mãos do repórter. Ele junta as mãos, conseqüentemente as imagens também e entra em *lettering* Ambiente de negócio segundo o movimento. A imagem começa fechada no repórter e abri no meio para mostrar um mesa ao lado dele, sobre ela, potes com ingredientes para o bolo. Em arte a bandeira do Brasil é projetada na parede em cima dos potes entra o *lettering* "receita de competitividade". As imagens que cobrem os offs são takes fechado de um preparo de um bolo. Quando são acrescentados ingredientes, *letterings* em artes surgem como se estivessem saindo dos potes e caindo na bacia junto a farinha e o açúcar. Os termos vão aparecendo de acordo com a fala do repórter e algumas palavras também surgem como se estivessem escritas na farinha sobre a mesa. Bananas podres são colocadas junto ao bolo e a forma é colocada no forno, a imagem aparece da perspectiva de quem está colocando o bolo no forno, com uma lente grande angular. O bolo é desenfocado, quebra e fica torto em um prato, enquanto um cozinheiro tenta moldar colocando chantilly. O Bolo fica feio e é colocado em uma vitrine com outros bolos bem feitos e muito mais bonitos com a arte do balcão 'ranking de competitividade' e o número 56º junto com a bandeira do Brasil em cima do bolo. Colocações e bandeiras de outros países surgem em cima dos outros bolos.

| | |
|--|--|
| <p>problemão, a gente acrescentou nessa receita o mais podre dos ingredientes, a corrupção. Mesmo assim a massa vai para o forno, é assada, desenformada, e meio montada do jeito que dá. E a produtividade, que podia esconder essa feiura toda, não cumpre esse papel. Pronto! Eis 56º pior bolo do mundo. E o que a gente faz é colocar esse bolo na vitrine junto com outros 60, que cuidam bem melhor do processo de produção. Aí eu te pergunto, diante de todos esses bolos, você compraria o brasileiro? O jeito é torcer pra que no futuro seja melhor preparado, quem sabe um dia ele fique assim.</p> | |
|--|--|

Reportagem: Crise econômica faz adolescentes começarem a trabalhar mais cedo

Data: 23/12/2015

Tempo: 3:07

| Dimensão Verba | Dimensão Audiovisual |
|---|---|
| <p>Repórter em Off: Essa caminhada é para não perder a hora. Poliana tem 17 anos e a um trabalha como vendedora em Niterói, região metropolitana do Rio.</p> <p>Entrevista Poliana: Eu pego de uma às oito e meia, chego em casa por volta de nove e meia.</p> <p>Repórter em Off: se fosse só isso ok, mas a jornada da poliana começou bem antes as seis e meia da manhã para estar às sete em sala de aula, ela espera concluir o ensino médio agora no fim do ano, mas não tem sido fácil .</p> <p>Entrevista Polianna Borges (estudante): Admito que isso prejudica um pouco pela falta de atenção, e eu fico com sono.</p> <p>Repórter em Off: então porquê trabalhar?</p> <p>Entrevista Polliana: Eu ajudo em casa, pago luz, pago tudo que for necessário.</p> <p>Repórter em Off: O que for necessário para ajudar a mãe cuidadora e o pai que está sem emprego. O Pai de Natan também ficou sem trabalho, mas ele não, garantiu uma vaga como estagiário em uma cafeteria pra onde vai depois da escola.</p> <p>Entrevista Natan: A minha atenção, na sala de aula piorou um pouco, diminuiu um pouco o rendimento</p> <p>Repórter em passagem: A gente costuma dizer que jobem tem energia de sobra, será? Uma pesquisa inédita mostra que não é bem</p> | <p>No primeiro Off aparecem imagens da Polianna andando na rua olhando para o relógio e chegando em uma loja.</p> <p>No segundo off, voltam imagens na Polianna, quando a repórter fala que a jornada da menina começou antes a primeira imagem da matéria, quando ela caminha pela rua e olha o relógio é colocada de trás para frentes, com o efeito de acelerar o vídeo. Continua com imagens dela no colégio e com alguns colegas na sala de aula,</p> <p>Na passagem a câmera vai passando por vários adolescentes, no que parece um corredor de sala de aula, até enquadrar a repórter.</p> <p>Aparece uma imagem aberta de um saguão de colégio, quando a repórter fala nos dados surgem números no chão, como se fossem totens inseridos no saguão do saguão. A matéria segue com imagens do colégio, quando são narrados dados numéricos novamente, a representação gráfica aparece em uma parede.</p> <p>Para representar os estados onde foram feitas as pesquisas surgem na mureta de uma escadaria os estados específicos como se estivessem pintados na estrutura.</p> <p>Quando a reportagem aborda a personagem Raquel, as imagens mostram a menina caminhando por uma rua estreita mexendo do celular e corta para ela entrando em uma</p> |

| | |
|---|---|
| <p>assim, os adolescentes que precisam encarar a sala de aula e o trabalho diariamente, sofrem as consequências da dupla jornada, e são muitos enfrentam essa rotina hoje no</p> <p>Repórter em Off: Quase 30% dos alunos do ensino médio em escolas públicas estudam e trabalham, se somar com os que fazem bicos ou já trabalharam esse número passa dos 50%. A pesquisa foi feita em cinco estados brasileiros.</p> <p>Entrevista Mary Castro (pesquisadora): Complicado, porque esses alunos inclusive moram na periferia, tem problemas de transporte, ou deslocamento casa e trabalho, quase não tem tempo de estudar em casa, então, as tarefas, o tempo de estudos é só aquele na sala de aula.</p> <p>Raquel Azarias (estudante): Olha eu falto bastante, por causa disso, porque as vezes que trabalho até tarde no dia seguinte eu não consigo vir a escola.</p> <p>Repórter em Off: é que depois da escola raquel vai pra casa onde começa uma nova tarefa, agora de avental e touca. Ela faz doces e bolos sob encomenda, quis ajudar a mãe com os gastos.</p> <p>Entrevista Raquel: As coisas que eu preciso assim, como meu celular, roupa essas coisas assim, eu consigo comprar com esse dinheiro.</p> <p>Repórter me pergunta: E você fica cansada na escola? Bastante, não é sempre, mas quando tem uma encomenda grande eu fico bem cansada.</p> <p>Repórter em Off: Durante um ano e dois meses, Gisele dividiu os estudos com o trabalho em uma loja de departamento, mas viu a frequência e as notas na escola, desabarem.</p> <p>Entrevista Giselle Martins (estudante): Eu estava mal e ainda estou mal, eu não se eu vou conseguir passar.</p> <p>Repórter em Off: Por causa disso, decidiu largar o emprego.</p> <p>Entrevista Giselle: Várias vezes eu dormia na aula, não porque, aí, eu vou dormir, é porque eu dormia sem querer. Jovem se cansa também e muito.</p> | <p>cozinha, que segundo o off é na casa dela. E de acordo com a narração ela coloca o avental e a touca. Na imagem seguinte, a imagem da Raquel ao fundo faz um bolo e a câmera se aproxima como se o cinegrafista estivesse caminhando em direção a ela. Ela dá a entrevista para matéria enquanto modela uma cobertura.</p> <p>As imagens voltam para o colégio enquanto a repórter fala sobre outra estudante.</p> |
|---|---|

Reportagem: Economia do Brasil recua 0,6%, é o sexto semestre seguido de queda.

Data: 31/08/2016

Tempo: 2:10

| Dimensão Verbal | Dimensão Audiovisual |
|--|---|
| <p>Repórter em Off: Olhar para os números da nossa economia é olhar uma tabela onde o que mais se vê é menos: agropecuária, serviço, consumo das famílias, do governo. Todos antecidos pelo mesmo sinal, negativo. Resultado do PIB nesse trimestre - 0,6%.</p> <p>Repórter em passagem: O que os números hoje mostram é que a economia brasileira continua em rota de descida, na comparação do segundo trimestre desse ano, abril maio e junho, em comparação ao ano passado o PIB recuou quase 4%. É o sexto trimestre seguido de queda.</p> <p>Repórter em Off: E dependendo do ponto onde se olha essa devida é mais íngreme. O acumulado dos quatro trimestre o PIB encolheu 4,9%, é o pior resultado desde 1996. Em 2016, a economia brasileira já recuou 4,6%.</p> <p>Repórter em passagem repórter: A boa notícia é que nesse trimestre dois setores subiram um pouco a ladeira indústria e investimento. Investimentos primeira alta depois de 10 trimestres de queda. São números bem tímidos mas para os pesquisadores e economistas podem indicar uma pequena melhora na confiança na economia</p> <p>Entrevista Cláudia Dionísio (ger. contas trimestrais - IBGE): Tivemos uma melhora nas expectativas, né, mas olhando para a economia como um todo os serviços pesam muito. E hoje a gente viu que a indústria, ela melhorou um pouco em relação ao que tava no primeiro trimestre, mas os serviços... ainda continua segurando um pouco isso.</p> <p>Repórter em Off: Mas daqui pra frente quais serão os próximos passos pra onde vai levar essa laderia.</p> <p>Rodrigo Alves Melo (economista-chefe Itacu/Vanguarda): A gente observou uma retomada do investimento depois de muito tempo de contrações consecutivas. Ele é um componente do PIB que na maioria dos ciclos indica: olha, eu estou saindo de uma recessão ou eu estou entrando em uma recessão, então ele é um componente do pin que anda na frente aí no que se refere ao ciclo de atividades economicas</p> | <p>O VT começa com imagens rápidas em sequência: uma fábrica de automóveis, um salão de beleza, uma obra, uma maquina agrícola na colheita, uma estante de supermercado com a câmera em movimento. Em sequência entra uma arte gráfica, fundo azul com feixes de luz que forma linhas. Na tela estão um trator, um carrinho de supermercado um casal com um filho e o palácio do planalto em 3D, a arte entra simulando um efeito de câmera, enquanto os feixes de luz se movimentam nas linhas. Os ícones representam setores da economia, que de acordo com a narração do repórter vão entrando os nomes dos setores e os números do PIB.</p> <p>Na passagem do repórter, ele começa em plano fechado, com fundo claro neutro. A edição corta para câmera aberta, que pega uma rua íngreme, de frente, o repórter está em cima da lombada, enquanto o cinegrafista está embaixo. O repórter começa a descer a rampa enquanto surge do chão o <i>lettering</i> com os valores do PIB em comparação ao mesmo período do ano passado, casando com a locução.</p> <p>Imagens da rua ilustram o off e novamente, quando o texto fala em números surge do calçamento uma tabela com um gráfico mostrando o acumulado nos últimos quatro trimestres. A imagem permanece estática enquanto os números e gráficos se modificam na tabela, sempre acompanhando os dados da locução.</p> <p>O repórter volta em um segundo boletim, também na rua, dessa vez ele está na calçada, o cinegrafista está na calçada do outro lado e o enquadra de corpo inteiro. <i>Lettering</i> sobem a ladeira e cruzam pelo repórter, enquanto ele fala do crescimento em alguns setores.</p> <p>No Off, imagens do funcionamento de alguns setores da economia e na primeira sonora é uma coletiva. Na sequência a locução faz analogia com descida e voltam imagens da rua com ladeira, com a câmera bem perto dos degraus, como se estivesse subindo e imagens com movimento rápido de 180°.</p> |

5 DISCUSSÃO

Assim como já debatido anteriormente nesse artigo as reportagens apresentaram uma busca por narrativas envolventes, como defende Wolf (2015) para uma tendência da televisão na era digital. Os repórteres se apropriaram do uso de linguagem informal e de gírias para abordar assuntos sisudos e complexos. Observou-se uma preocupação estética muito grande, com o uso de grafismo, animações, enquadramentos e movimentos de câmera diferentes do convencional. Demonstrando o defendido por França (2009) quando a autora afirma que o entretenimento está ultrapassando barreiras e penetrando no campo da informação.

Na primeira reportagem sobre Brasil perder posições na lista das economias mais competitivas do mundo, o repórter tenta estabelecer uma conversa com o público, começando o *off* com uma pergunta direta em segunda pessoa, usando gírias e falando palavras de forma curta como “tô”, “tá”, “pros”. Imagens de esportes com corte rápido chamam a atenção, o assunto é introduzido a partir do conceito de competitividade. A partir da passagem do repórter é apresentado o tema na matéria, usando como analogia a receita de um bolo, para isso grande parte das imagens apresentam uma cozinha, com enquadramentos muito fechados e normalmente com ações como ingredientes sendo acrescentados. O Grafismo é muito presente nessa reportagem, sempre se fazendo de elementos do cenário, com bastante animação, como na passagem quando o repórter fala sobre elementos com artes que se estende da palma de sua mão, que se movimenta.

A matéria sobre a crise econômica e os adolescentes no mercado de trabalho também utilizou elementos gráficos inseridos, mas em menor quantidade. A reportagem se apropriou das histórias dos personagens, com linguagem informal para construir a narrativa, com imagens dos adolescentes em atividades e usando recursos como aceleração e imagem de trás para frente. A repórter contou a história de quatro adolescentes na mesma escola, entretanto casando com imagens e ambientes diferentes como o local de trabalho da primeira personagem e a casa da terceira adolescente da matéria, sem se preocupar com uma continuidade.

Assim como a primeira reportagem apresentada, a matéria sobre a queda do PIB também começa com várias imagens com cortes rápidos, e tem a presença de elementos gráficos em grande parte da reportagem. Para falar sobre os números da economia no Brasil o repórter usa como analogia uma rua íngreme para demonstrar a subida e a descida dos índices econômicos no país. O repórter usa de duas passagens para compor a estrutura narrativa da matéria, nas duas *letterings* surgem no chão, como se fossem compostos do mesmo material da rua. Essa reportagem apresenta muitos dados e números comparativos, a linguagem informal os elementos gráficos e a analogia ajudam a compreender melhor a informação que está sendo passada. Enquadramentos diferenciados como uma pan de 180º pela rua, e a imagem da câmera passando bem perto dos degraus como se estivesse, realmente, subindo as escadas, assim como as artes gráficas grandes com animações tornam a matéria mais atrativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A era digital trouxe consigo um cenário de grande concorrência audiovisual, atrelado às novas tecnologias e possibilidades da construção de conteúdo. Produzir conteúdo passou a ser uma forma complexa de informar, a internet viabilizou técnicas e narrativas que extrapolam os meios tradicionais, é preciso pensar em convergência de mídias, cultura participativa, inteligência coletiva e a televisão tem papel chave nesse momento de transformações. Para isso, não basta com um meio conversar com outros e preciso ser atrativo, para que faça sentido o público se interessar pelo tipo material transmitido pela televisão e possa querer consumir os conteúdos propostos além do aparelho.

Este estudo mostrou de que forma o Jornal Nacional está sendo influenciado pela era digital, demonstrando a partir das reportagens de economias que técnicas o programa está utilizando para chamar a atenção do público. A televisão sempre teve o poder de encantar, de maneira que o entretenimento e a diversão, tão marcantes nesse meio, ultrapassaram gêneros e se misturam com a informação. O antes tão sisudo campo da economia ganhou elementos que deixaram as reportagens mais leves. Dessa forma, acredita-se que a notícia também entretém. Com a imagem e o

áudio a TV valoriza o conteúdo: cenário, o repórter na rua, os enquadramentos de câmera, a iluminação, artes gráficas, animações, tudo isso já chama a atenção do público. A televisão tem uma proporção de público enorme, muito também em razão do misto, informação e entretenimento.

Este estudo apresenta uma nova possibilidade no jeito de construir a notícia, desafia o jornalista a pensar os diferentes jeitos de passar informação para o público. Pensando tanto novas possibilidades, na convergência dos meios e na expansão da informação quanto na maneira com que podemos usar os recursos da televisão para atrair a atenção para o meio.

REFERÊNCIAS

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

CAPANEMA, Letícia. **A televisão expandida: das especificidades às hibridizações**. PUC-PR, 2008

CARVALHO, Alexandre. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CURADO, Olga. **A Notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

COULDRY, Nick. **A mídia tem futuro?**, Matrizes. São Paulo, 2010

FILHO, João Freire (Org.). **A TV em Transição: Tendências de Programação no Brasil e no Mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FINGER, Cristiane. **O telejornal na palma da mão: um estudo sobre a recepção do Jornal Nacional**. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; Coutinho, Iluska. (Org.). #telejornalismo: nas ruas e nas telas. 1ed. Florianópolis: Insular, 2013, v. 2, p. 111-128.

FRANÇA, Vera V. **A televisão Porosa – Traços e Tendências**. In: FILHO, João Freire (Org.). A TV em Transição: Tendências de Programação no Brasil e no Mundo. Porto Alegre: Sulina, 2009.

IGARZA, Roberto. **Nuevos medios: estratégias de convergência**. Buenos Aires: La Coruja, 2008.

JENKINS, Henry. **A cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. **Televisão no Brasil: a linguagem verbal e não verbal para atrair a Nova Classe média**. Porto Alegre, 2013.

Puhl, Paula. **As apropriações midiáticas e os atores sociais na cobertura convergente das manifestações pela TV Folha**. In: Flávio Porcello; Alfredo Vizeu; Iluska Coutinho. (Org.). #telejornalismo: nas ruas e nas telas. 1ed. Florianópolis: Insular, 2013, v. 2.

RAMONET, Ignacio. **A expansão do jornalismo na era digital**, In: Moraes, Denis de (Org); Ramonet, Ignacio; Serrano, Pascual. Mídia, poder e contrapoder, da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo/Rio de Janeiro : Boitempo/Faperj, 2013.

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2011.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org). **História da Televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura do pós humano: da cultura da mídia à pós cultura**. São Paulo. Paulus: 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo. Paulus: 2007.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. São Paulo: zahar, 2011.

SIQUEIRA, Fabiana. **O telejornalismo em transformação: os formatos da notícia na era digital**. In: PORCELLO, Flavio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Org.). O Brasil (é)ditado. Florianópolis: Insular, 2012.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa Bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

WOLFF, Michael. **Televisão é a nova televisão**. São Paulo: Globo, 2015.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público**. São Paulo: Ática, 1996.

Teses de Doutorado

GADRET, Debora. **A EMOÇÃO NA REPORTAGEM DE TELEVISÃO: As qualidades estéticas e a organização do enquadramento**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação Social) Programa de Pós-Graduação UFRGS, 2016.

Sites

MÍDIA DADOS. Disponível em: <<https://mdb2013.bbi.net.br/>>;

IBOPE Media. Target Group Index. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Alem-de-informar-meios-funcionam-como-companhia-para-os-brasileiros.aspx>>;

BRASIL, Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa Brasileira de Mídia 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>

GLOBO, memórias. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>